

O DIÁRIO DE BORDO COMO POÉTICA E REFLEXÃO: uma experiência de pensar-se professor de matemática

Autor 1¹

Autor 2²

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata de uma experiência pedagógica que será aplicada junto à turma de Graduação em Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, ao longo de 2025.1, na disciplina intitulada EDUCAÇÃO MATEMÁTICA PARA CRIANÇAS, JOVENS E ADULTOS, da qual cumprirei minhas atividades como doutoranda na disciplina obrigatória Estágio Docente II. A inquietação surgiu a partir da minha vivência na disciplina Estágio Docente I (2024.2), onde pude observar que havia um interesse bem evidente da professora regente da disciplina em proporcionar a compreensão da função social do ensino de matemática e o reconhecimento da área de Educação Matemática como campo fértil de pesquisas. Para além destes objetivos, o programa por ela elaborado visava estimular os futuros profissionais da sala de aula a elaborarem atividades de pesquisa e ensino de matemática, além de refletirem sobre os objetivos, planejamentos e instrumentos da avaliação em matemática. Tendo em vista a observação que era cabida como estagiária, pude identificar que o tempo curto destinado ao curso – apenas um semestre para o contato com a matemática – não contribuiu para o exercício de reflexão acerca da experiência com a matemática que todos ali tiveram quando estudantes dos tempos de escola na educação básica em correlação com o conteúdo programático desenvolvido nesta disciplina. Apesar das trocas, dos inúmeros trabalhos em grupos e das conversas a respeito das lembranças sobre o ensino e a aprendizagem da época escolar que ocorriam de forma quase natural, pude refletir, muito a partir da minha investigação produzida por ocasião da pesquisa de

¹ Doutor em... pela Instituição (SIGLA). Professor na Instituição (SIGLA), cidade, estado, país. ORCID: <https://orcid.org/0000-0000-0000-0000>. E-mail: autor1@mail.com.

² Doutorando em /Mestre em/ Mestrando em/ Especialista em/ Graduando em/.... pela Instituição (SIGLA). Professor na/Afiliação na/Vínculo com/ Instituição (SIGLA), ORCID: <https://orcid.org/0000-0000-0000-0000>. E-mail: autor2@mail.com.

mestrado³, que o registro mais sistematizado poderia oferecer um campo mais fértil para a reflexão em tempos dessa formação inicial docente. Diante desses apontamentos, decidi desenvolver junto às futuras professoras e professores da mencionada disciplina o projeto de elaboração de um diário de bordo, um exercício de escrita autobiográfica, cujos principais objetivos consistem em rememorar a matemática aprendida no tempo das cadeiras escolares de cada um: a ambiência escolar, os conteúdos, as didáticas, as metodologias, a relação professor/aluno e a relação com o saber matemático. Esse contato com a matemática na escola foi prazeroso, instigante, investigativo, criativo, marcante, alegre? O que fazia a diferença? Havia relação entre matemática e vida? Como a disciplina agora da graduação em Pedagogia faz aflorar essas lembranças? Que reflexões tomam conta de cada um a partir de agora? Que professor e qual matemática esse futuro docente gostaria de e ser deixar para seus alunos e alunas? Essas são algumas questões levantadas a priori para estimular o processo criativo de cada estudante. Defendo, portanto, que a metodologia da abordagem autobiográfica se apresenta como perspectiva epistemológica sobre o modo de aprender a partir da própria experiência dos próprios sujeitos, entendida como narrativas que descrevem e refletem sobre vivências anteriores, anseios, dilemas, dúvidas, medos, incertezas, ideias, conquistas e projetos de vir a ser professor. O trabalho consistirá em analisar e interpretar as narrativas nos seus discursos visuais e textuais no processo de formação enquanto tomada de consciência e exercício reflexivo de autoformação, ou seja, (re) conhecimento de si enquanto sujeito/a que está a caminho de vir a ser professor/a e suas inquietações a partir do ensino da matemática, da história da matemática, da história da educação matemática e da etnomatemática.

³ Com atuação direta agora no ensino superior e não apenas como professora da educação básica foi possível elaborar ações pedagógicas que estavam em consonância com o meu modo de pensar o amplo processo de formação docente, de onde parto do princípio que a pessoa e o professor são seres indissociáveis. Essa mesma concepção da profissão docente encontramos em Nóvoa, pois segundo o autor é impossível “a separação entre o eu pessoal e o eu profissional” (1992, p.14). Foi então a partir dessa nova experiência, agora professora dos estágios supervisionados, revendo a importância do exercício permanente da reflexão e da escrita sobre a minha própria vida, incluindo a prática docente, que tive a ideia de fugir da mesmice, do pré-estabelecido, e, assim, substituir o tradicional relatório, modelo comumente adotado para esses fins, por um instrumento mais artístico e que comportasse uma narrativa mais pessoal e distante daquela muito impessoal e, de certa forma, burocrática. Bem, foi neste contexto que propus que os relatos e reflexões oriundos da observação, participação e coparticipação nas turmas da educação básica do CAP, fossem narrados pelos estagiários sob o formato de diário, que com uso de licença poética, denominei “diário de bordo”.

OBJETIVOS

Trago como objetivo geral o interesse em discutir a importância das práticas escriturísticas de si para o sujeito em formação docente.

Com foco específico no olhar sobre as memórias dos diferentes aspectos que envolvem a disciplina (ou matéria) denominada matemática no tempo escolar - os conteúdos, as formas de avaliação, a metodologia adotada pelo professor/a, a relação com a disciplina, com o professor/a, os arquivos pessoais guardados deste tempo, reunidas às reflexões atuais embasadas na vivência a partir da disciplina Educação Matemática para crianças, jovens e adultos, essa proposta intenciona em seu objetivo específico estimular os estudantes à elaboração de um suporte material de escrita reflexiva que se propõe a oferecer maior liberdade na sua forma de apresentação, um diário de bordo, na contramão de um relatório, suporte mais comumente utilizado no âmbito acadêmico. Portanto, objetivo desvelar as narrativas sobre anseios do magistério, dificuldades na travessia de formação, entendimentos sobre o ensino da matemática através das lentes do tempo das cadeiras escolares e iluminadas pela formação da atual disciplina.

JUSTIFICATIVA

Se escrever é uma das formas humanas de registrar, narrar, documentar vivências, experiências e histórias, guardar essas escritas seria então um modo de preservar, intencionalmente ou não, o que foi vivido, experienciado, sentido, planejado, criado etc, possibilitando que se construa um arquivo material com as marcas dessas memórias. E, longe do espaço/tempo em que ocorreu a ação, distanciado das ideias, fatos e emoções outrora experimentados, recuperar e talvez melhor compreender suas marcas no tempo presente e pensar o futuro. Ser ator e autor consciente do processo de sua vida.

Conhecendo as características geralmente apresentadas pelo instrumento de escrita denominado “diário” – caráter autobiográfico, íntimo, confidente, subjetivo, cronológico, reflexivo, possuidor de linguagem informal, dentre outras características -, espaço que possibilita a flexão e a reflexão do sujeito escrevente (diarista), encontramos em Ostetto, Oliveira e Messina (2001, p.25, apud Souza, 2004, p.63) uma definição que sintetiza e

apresenta o tema desta proposta pedagógica de pesquisa e suas ideias básicas, pois, para esses autores registrar é “responsabilizar-se por seus desígnios, seus projetos. É lançar-se para frente. Ver-se e rever-se. É envolver-se com o resgate da sua palavra”.

“Lançar-se para frente” justifica essa proposta de pesquisa, pois também compreende um objetivo, ainda que secundário, o de produzir um arquivo pessoal que possa, futuramente, constituir-se em fonte de pesquisa para esse futuro professor/a. Ou seja, produzir, dar significado, guardar, para quem sabe, poder ressignificar. E, no que diz respeito à atitude de guardar, trago a contribuição de Mignot e Cunha (2006) que refletem sobre o tema dizendo que “guardar é diferente de esconder. Guardar consiste em proteger um bem da corrosão temporal para melhor partilhar; é preservar e tornar vivo o que, pela passagem do tempo, deveria ser consumido, esquecido, destruído, virado lixo” (p.41).

REFERENCIAIS TEÓRICOS

Tomarei como referência Chartier para ajudar a pensar estes documentos na perspectiva da história cultural, pois para o autor “os documentos não são mais considerados somente pelas informações que fornecem, mas são também estudados em si mesmos, em sua organização discursiva e material, suas condições de produção, suas utilizações estratégicas.”(2002, p. 13)

Procurarei orientar-me para essa reflexão por Chartier (2002), pois assinala o autor que “[...] os dispositivos formais – textuais ou materiais – inscrevem em suas estruturas as expectativas e competências do público que visam, portanto, organizam-se a partir de uma representação da diferenciação social.” Diante dessa compreensão, percebo que se faz necessário também interrogar a materialidade de nossos objetos levando em consideração o nicho cultural ao qual estão inseridos nossos autores; o destino do compromisso final dessa proposta e o fato de se tratar de uma experiência inusitada para esses sujeitos no âmbito acadêmico.

A proposta se apoia em diversos autores nas perspectivas da historiografia da educação, memória, suportes de escrita, narrativas autobiográficas e formação docente, tempo presente, autoformação, pesquisa-formação etc. Defendo em parte essa escolha a partir de Pimenta (1999), haja vista que a autora aponta em seus estudos a necessidade de se repensar a formação de professores e colaborar com a construção de suas identidades, de

modo a opor-se à perspectiva burocrática e cartorial que não dá conta de captar as contradições presentes na prática social de educar. Segundo a autora,

[...] professorar não é uma atividade burocrática para a qual se adquire conhecimentos e habilidades técnico-mecânicas. [...] Espera-se, [...], e que desenvolva neles a capacidade de investigar a própria atividade para, a partir dela, constituírem e transformarem os seus saberes-fazeres docentes, num processo contínuo de construção de suas identidades como professores. (Pimenta, 1999, p.18)

Tanto em trabalhos publicados mais antigos como nos atuais, encontro autores e pesquisas que somam grandiosa potência a iluminar minha empiria. Warschauer (1993), Zabalza (1994), Freire (1996), Mignot, Bastos e Cunha (2000), Silva e Duarte (2001), Rego (2003), Constant (2004), Midley (2004), Souza (2004, 2007), Pimenta (2006 e 2017) Souza e Cordeiro (2007), Carrilho (2007), Camargo (2008), Medeiros e Pátaro (2009), Josso (2007 e 2009), Passegi (2010), Bortolazzo (2010), Bragança (2012), Dias, Pitolli e Prudêncio (2013), Martins (2016), Ferreira (2017), Dias e Martins (2019), Lainé (2021), Reis e Souza (2021), tratam de estudos afins a iluminar minha empiria, orientar o presente momento e plantar sementes para o futuro desta pesquisadora. Nestes estudos, ainda que diferenciando-se alguns pelas áreas de conhecimento, prevalece a ideia central da relação entre narrar a vida e pensar a profissão (Reis e Souza, 2021) e que as narrativas possibilitam momentos de formação, implicando movimentos de reflexividade, de processos identitários individual e coletivo, de tomada de consciência sobre sua própria história, possibilitando aos sujeitos em formação reelaborarem acontecimentos cotidianos, transformando-os em aprendizagens experienciais (Souza, 2014).

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

data	Atividades
20/03	Apresentação da proposta/discussão de materiais e formatos
17/04	Conversa sobre o andamento da proposta
22/05	Conversa em duplas
12/06	Conversa individual
10/07	Entrega dos diários de bordo
15/07	Devolutiva individual e devolução dos diários de bordo

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES: deslocamentos entre tempos, espaços e papéis sociais

Como professora de Artes Visuais do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, mais conhecido como Colégio de Aplicação, ou CAP UERJ, atuei por aproximadamente 10 anos como professora da disciplina de Estágio supervisionado em artes, tempo em que desenvolvi a proposta junto aos licenciandos/estagiários/futuros professores de artes a produzirem um diário de bordo no qual relatassem e refletissem essa experiência do tempo de estágio, ora olhando o presente em busca do passado (suas experiências enquanto aluno e contato com seus professores), ora examinando o presente (qual o sentido da educação) para elaborar o futuro (porque querem ser professor e que professor querem ser). Nos anos de 2019/2021, parte significativa desta produção constituiu o conjunto de objetos/fontes analisado na minha pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ, resultando na dissertação intitulada “O diário de bordo como poética de (re) conhecimento de si: revisitando uma experiência pedagógica em estágio supervisionado em artes.” Conforme pode ser visto nas minhas investigações, consegui produzir um estudo cuja indicação apontou que a experiência narrativa em formação docente garante um modo mais pessoal de narrar e provoca no sujeito a atitude de assumir a responsabilidade com a sua própria formação. Desmistifica a ideia de passividade, de meros receptores, de uma concepção bancária, do modelo cartesiano e burocrático das etapas e processos de escolarização, pois, se já é combatida nas escolas, por que não ser desconstruída também nos cursos de formação de professores?

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. Barreto. **O método autobiográfico como produtor de sentidos: a invenção de si**. Actualidades Pedagógicas, (54), 13-28, 2009.

ALVES, Nilda; Ciavatt, Maria (orgs). **A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação**. 2. ed – São Paulo: Cortez, 2008.

BARROS, M. **Memórias inventadas: a segunda infância**. São Paulo: Planeta; 2006.

BARROS, José D’Assunção. **História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço**. Mouseion, vol. 3, n. 5, pp. 36-67, Jan-Jul/2009.



BORDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005, p.183-191.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

BOLSONI, Mônica de Lima. **O diário de bordo como poética de (re) conhecimento de si: revisitando uma experiência de estágio supervisionado em Artes Visuais**. 2021. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Conferência. In: I Congresso Internacional de Campinas, 2001.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. 3ª edição. São Paulo: UNESP, 1991.

CARRILHO, Maria de Fátima Pinheiro. **Tornar-se professor formador pela experiência formadora: vivências e escritas de si**. 2007. 281 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

CAMARGO, Maria Rosa R. Martins de. Práticas de Escritas de Si como Espaços de Formação. *Educação: Teoria e Prática*, v. 18, n. 31, 2008, p. 117. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/106965>>.

CHARTIER, Roger. **Formas e sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação**. Campinas, SP: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil, 2003.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Viver, escrever, guardar: um estudo sobre diários pessoais**. ANPUH - XXIII Simpósio Nacional de História, Londrina, 2005.

DIAS, Ronne Franklim; MARTINS, Raimundo. Professor-artista: alguns conceitos e perspectivas baseadas em princípios da cultura visual. *Revista Digital do LAV*, Santa Maria: UFSM, v. 12, n. 2, p. 118-132, mai./ago. 2019.

DIAS, V.B; PITOLLI, A.M.S.; PRUDÊNCIO, C.A.V. **O Diário de Bordo como ferramenta de reflexão durante o Estágio Curricular Supervisionado do curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Santa Cruz – Bahia**. Atas do IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – IX ENPEC. Águas de Lindóia, SP – 10 a 14 de Novembro de 2013.

GINZBURG, Carlo. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário**. In: **Mitos, emblemas, sinais**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.



JOSSO, M- Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. Porto Alegre/RS, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5ª ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

MARTINS, Líbia Monteiro. **O diário de campo como dispositivo para análise de implicação em pesquisa**. Dissertação de mestrado. UFES, CCHN, Psicologia Institucional, 2016.

MARQUES, Mario Osorio. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. 2.ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MEDEIROS, Dalva H.; PÁTARO, Cristina S. **O diário de estágio na formação inicial de professores: possibilidade de reflexão e articulação teoria e prática**. In: Congresso de leitura do Brasil, 17, 2009, Campinas, SP. Anais. Campinas: COLE, 2009. p. 1 - 11.

MIDDLEJ, Jussara. **Os diários reflexivos e os processos metacognitivos na práxis educacional**. Aprender – Cad. de Filosofia e Psic. da Educação – Vitória da Conquista, Ano II, n.3, p. 49-61, 2004.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. **Papéis guardados**. Rio de Janeiro: UERJ/Rede Sirius, 2003.

MIGNOT, Ana Chrystina V.; CUNHA, Maria Teresa (orgs.). **Práticas de memória docente**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 19-36.

MIGNOT, Ana Chrystina V. (org). **Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MIGNOT, Ana Chrystina V.; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos (orgs.). **Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica**. Florianópolis, 2000.

NÓVOA, Antônio. **Educação 2021: para uma história do futuro**. In: CATANI, D. & GATTI JR. D. (orgs.). **O que a escola faz? Elementos para a compreensão da vida escolar**. Uberlândia: EDUFU, 2015, pp. 51-69.

PASSEGGI, Maria da Conceição. “Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório”. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian Batista da. **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010a, p. 103-130.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memoriais autobiográficos: escritas de si como arte de (re) conhecimento. In: CORDEIRO, Verbena Maria Rocha; SOUZA, Elizeu Clementino de (org.). **Memoriais, literatura e práticas culturais de leitura**. Salvador: EDUFBA, 2010b. p. 19-42.



PIMENTA, J. S. **Vestígios autobiográficos na escrita de viagem: o “Diário de bordo”** (1934). *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 02, n. 05, p. 343-358, maio/ago. 2017.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez Editora, 1999. (pp. 15-34).

PRADO, G.V. T; SOLIGO, R. (orgs). **Porque escrever é fazer história**. Campinas, SP: Graf. FE, 2005.

REIS, Alessandra Martins dos; SOUZA, Elizeu Clementino de. Memoriais e narrativas na formação de educadores da saúde: escritas de si, acompanhamento e mediação biográfica. *Educar em Revista* [online]. 2021, v. 37 [Acessado 6 Agosto 2021], e75640. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-4060.75640>>. Epub 28 Abr 2021. ISSN 1984-0411.

Palavras chave: Formação docente; História da educação matemática; Escrita autobiográfica